

Prazer = dôr
(doença)
- 2 - 34)

AEMF 017/1

Difícil nos é dar a definição destes dois estados; pois para que analisá-los se são elementos simples?

Definição que já se sentiu? Não é necessário, pois a experiência mostra a cada um os fenômenos fisiológicos-orgânicos desta afetividade.

Desde a antiguidade clássica que estes fenômenos vêm suscitando discussões.

Épicuro, na antiguidade; Bandau na Idade Média; Verrin, Kant e Schopenhauer admitem o prazer como negativo e a dor positiva.

Diz em resumo Schopenhauer em Le monde comme volonté et comme représentation.

V. I - §§ 56:

"O estado do homem é de ter incessantemente necessidade, de desajar incessantemente alguma coisa; ou a necessidade e o desejo são um sofrimento para o homem; seu estado normal é então o sofrimento.

O prazer que resulta de satisfações das necessidades e dos desejos, não é por conseguinte mais a cessação do sofrimento antecedente; é então todo negativo; o sofrimento só é positivo e primitivo."

Socrates defendia hipótese idêntica na linguagem

incitamento gravado se dá.

"A poesia é quasi sempre o desabafo do coração, descarga fatal das vibrações excitadas de alma do poeta: o despocho ritmado das emoções. O artificio vem de nota de proximidade de sopros, que o cantor se mostra em seus poemas. O poeta sentiu, sofreu um momento e depois goza como todo o mundo. O poeta não foi registado, mas a angustia e saudade ficaram gravadas no harmonium dos versos, para que a humanidade se condão de que sofrer cantando."

Quando uma dá nos ameaça ou perturba
em nosso coração, considerai que afasta-la
não é destruí-la. Sempre examina-se a situação
e para combater se convine evita-la ou neutralizá-la.
(Fencheterlele)

"~~Reflexo~~" A festa de dá o egoísmo! Concentrai o
sentimento como uma essência balsâmica, mas
não como um veneno. Bebei o calix amargo de
classicos sopros evitados; fugi da volúpia de dá.

O! ^{humanidade!} ~~Excessos~~. Não fomenteis padeceres imaginários e excessivos.

"... a alegria que profunda eternidade!"

dói e a alegria mais profunda do que o sentimento.
 A dói disse - passa. Mas toda a alegria que estende
 - de, que profunda eternidade."

Mas a dói, seu culto artificial, é necessário
 a humanidade, e Boschidanis, o storico, q'nta:

"Dói é violenta mas mal dissei que é má!"

A teoria pouco vale: Temo a Epicuro, Schopenhauer,
 e Nietzsche sobre a dói, e sobre a dói.

Os poetas sobre a dói, - porque eles é fogo-
 fatos.

O século passado chorou na dói de vida Byron, Shelley,
 Goethe, Baudelaire, Wilde, Thoreau e Agostinho, que queira
 France, etc....

quemis, viva da dói, mas lamentação, e a dói
 Jadrão de queixumes.

Invenções o fogo afozgentes a dói! Mas...
 a filosofia é a dói da vida.

Não acreditamos no poetas, mas a dói é falsa:
 a dói de um poeta é pouco forte que
 que o raio ultravioleta da dói e da morte,
 e não que o raio ultravioleta da dói.

O poeta é a hipersensibilidade da vida, é a

que palpita com a existência, que quer amar,
 mas odeia, que quer gozar mas sofre - este é
 o Nietzsche que não escrevem.

Para Alcindo Guanabara, Laocöonte é o símbolo
 de dor: "Uma distensão enorme da musculatura,
 nos suspiros que abafa, e no hulto que retém, que
 lhe comprime o abdome e lhe cavam os flancos -
 na boca cheia de ansiedade, no labio inferior vendido
 pela constrição, no superior sorreguido pelo sofrimento
 tudo nesse homem em luta com os supentes, -
 representação mais completa da dor física. Olhai
 para os filhos que a supentes enlaçam, constriem,
 apertam e matam, sem que ele logre ver-los.
 Então fari-los um instante olhar fixado sobre ele
 a implorar-lhe socorro, senti a agonia desta espera
 de libertação, avaliari o sofrimento que eles experimen-
 tam... E se não conheceis a dor, vede-a, então,
 nos olhos de Laocöonte: olhos de piedade, olhos de con-
 fissão, olhos de despojo, olhos de magreza, olhos de
 queixa, de súplica, de raiva, de inenarrável sofri-
 mento!"

Nietzsche fez falar Zaratustra: "Profundo é a

não compreenderam a luta da humanidade contra a dor.

A humanidade luta contra a dor nos atos orientais, que influíram em Socrates, que quis livrar o povo da matéria, pois o ato é o qual magoa, dá a moral de que os santos assim o veem, dá a levitação. Os estoicos se prepararam para livrar o homem da dor, mas em seus poucos figuras; os neo-platônicos idem; o cristianismo até cheio de heróis de martírios.

Desde William James ficou provado que o mistério são neuropatas. As experiências religiosas são adaptações de humanidade contra a dor.

A religião é para o povo o refúgio da luta capitalista - é o bálsamo restaurador das forças para serem dadas aos judeus.

Até ao alcoolismo o homem chega, ao erotismo. Inventam o esporte, a música, os trabalhos manuais.

Nietzsche nos diz: "Se o sofrimento continua. A dor nos torna tão grande como um grande deus." Isto é o Nietzsche homem, o Nietzsche

aviso de perigo que ameaça o corpo: porém as
doenças inaráveis evoluem, e que faciente e
faciente etc os furos - mais furos, observa
grupos Soul (Introduction a l'Économie moderne -
pag. 402 - apêndice).

Os metafísicos evolucionistas querem dar o poze
e a dar como partes de espécie, na sobrevivência do
mais apto; dando-o assim como dependentes de que
util ou nocivo para espécie.

Isto é querer negar o ontologia pela
filosofia, e dar a completamente e o poze - a dar
nos ~~caracteres~~ caracteres individuais; cada um
protege - a, protege a espécie.

Spinoza, no Ética, ~~confirma~~ confirma
a já célebre fórmula o homem faz de deu e poze
o poze, dizendo: "O poze é, em geral, a passagem
de uma perfeição menor a uma perfeição maior."

Em isso se vêem os mistic, na perspectiva do
poze, sofrem perigosas perigosas a busca de
um atrás ideal.

Grande é literatura de de, pois eles se igualem porque
- não é a do poze; os filosofos-metafísicos ainda

calor no fim. E assim: toda a inteligência,
toda a ciência só vive no momento triste
junto as musas de prazer ou dor, que se encontram
no primeiro grito de um recém-nascido.

6 prazer e dor são os caracteres da maior
adaptação, são os sinais de prigo, são o arto-
ho dor quando não há harmonia com o meio,
e prazer no caso contrario.

Kilnt, de opus citate, pag. 52 e 53, o capitulo
da dor: dilatacao de pupila, ^{diminuição da frequencia} ~~altitudinal~~ de pulso
e ^{e instabilidade} ~~irregularidade~~ da respiração;
resfriamento da pele; irregularidade dos movimentos orgânicos, diminuição dos
seccões; queda do apetite; ~~enfraquecimento~~ do paciente.

No prazer: "a circulação aumenta sobretudo no
cerebro, a respiração torna-se mais activa, strokes,
mais rápidos, produzem uma rica alimentação
dos tecidos e dos orgãos; a intensidade dos pensa-
mentos voluntarios se exprime por uma exuberan-
cia de movimentos, pelo grito de alegria, risecantos,
^{breve} ~~palavras~~ "as manifestações de alegria podem
se resumir a palavras: dinamicos."

Haller, teologo, diz que Deus nos deu a dor para

pag. 33:

"Sensações tais como o quente, o frio, a luz, a
brancidade, os coes vivos, o odor de amoniacos, perfume
das rosas, etc... mal nos deixam indiferentes
qual ~~qual~~; os uns são agradáveis ou desagradá-
veis, isto é, que nosso corpo reage, em função
destas sensações, por movimentos mais ou menos
intensos de aproximação ou de afastamento..."

A percepção sabe o prazo de de -
Ambos são fatores de vida: o ato químico, ^{de}
mas tivesse no organismo um grande prazo como
perpetuar a espécie.

Se um homem que se tivesse inte ligencia
para se dirigir no mundo sem estas sensações
morreiria: pois se não, se fadiga, se fome, se
se frio e tratando-se este fadimento inflamar-se-
severidade a morte; ainda até cair de ~~de~~ duas
se movimento, se nos músculos poderiam
se contrair. bem se se por razão, pois não se
fome, se sociedade após a refeição. O veneno de
o ninguém pois não tem apetite. Se sebra - roupa
que vai estar pelo termometros; para não se fazer

as zonas deliriosas, esquisas e dos internos: a neuralgia, - fadiga, etc....

M. ^{elle} Totterko aventou a hipótese de uma origem química do ddi, a qual seria produzida pela intoxicação dos cérebros nervosos sob a influência dos alopogenicos (substâncias tóxicas), que a irritação dos tecidos produz.

Pilbot, na se referindo a Totterko podamos a mesma hipótese, opus citate, pag. 41:

"a origem do ddi deve attribuir a modificações químicas (pherindas) nos tecidos e nos nervos, tendo particularmente a produção de toxinas locais ou generalizadas no organismo. A ddi seria assim uma das manifestações e uma das formas de auto-intoxicação."

Pilbot, mesmo, no trabalho a teoria dos estados afetivos puros - dando como exemplos - enfermeira dos tuberculoses e a fadiga, os neurastenicos; todos os posteiros de Pilbot contradisseram-no por ter observado só casos patológicos.

Ernst Mach resume a problema fosse os leis do papo e do ddi - la connaissance et l'energie

XX Sanford - leçons de psychologie expérimentale,
diz que observam objetivamente st. nervos: que são
terminações nervos livres, que acham localizadas nos
espaços inter-celulares da epiderme."

Paulin Galezot, em sua psychologie diz que esta
teoria exige de considerar o prazer e a dor sensações
especiais, sendo mais exacto de um lado: "st. nervos
não são constatados objetivamente, e os experimentos
dos quais se pretende concluir sua existência não são
de nenhum modo vivíveis." XX

Além de tudo esta teoria faz-se a separação de
dois físicos e moral; que Ribot, com vantagem,
denota em psychologie des sentiments pag. 42:
"Entre a dor física e a dor moral, há uma iden-
tidade de raiz, não difere uma da outra senão
pelo ponto de partida: a primeira sendo unida a
uma sensação, a segunda a uma forma qualquer
de representações, imagem ou idéa."

Ainda que a opinião corrente estabeleça uma
separação entre os prazeres sensíveis e os prazeres
espirituais, esta distinção é meramente pática.
O prazer, como estado afetivo, fica sempre idêntico
a ele mesmo; suas inúmeras variedades não são
determinadas senão pelo estado intelectual que suscita:
sensação, imagem, conceito."

A teoria de Van Frey localizando na epiderme

pecha todo ~~peço~~ intelectual ou moral.
 fca pois as idéas são ^{negas} ~~longas~~ e medidas.
 d/ o homem goza e sofre mais que o animal
 porque é mais inteligente; a razão de inteligência
 é condição e causa de outros ou tem
peças.

Rechet. opus citata, pag. 143: "quanto mais
 o indivíduo é inteligente, tanto mais é capaz de
 experimentar com intensidade os emovos atrativos e
repulsivos."

Em 1894 surgiu no Alemanha, Van Fraey
 e Goldschneider que debruça-se hoje para uma
teoria, que se resume na hipótese de zons de de-
re-
re-

deixam de que estes zons devem variar de
indivíduos para indivíduos.

Assim como Fitcher dá zons para o
fiis, para o calor, também de zons outros para
a dor.

É preciso não confundir o tal com a dor - pois
as medidas psicológicas insexridas entre si e outros.
 Esta teoria foi aceita por Wichols e Strong.

que ai se ajunta, como a juventude na flôr. Cada
 acao tem seu prazer proprio."

"Epicuro, ~~SE~~ Lucretius e tant manu dizem que:
 o fato primitivo e a dor que tem sua origem
 na atividade; porque agir e fazer esforço, e todo esforço
 e doloroso. O prazer esta entao na inatividade,
 que conduz a ataraxia;" esta hipotesis e admitida
 por Kant.

Em parte esta teoria esta contra toda a teoria
 moderna de adaptacao, por assimildad funcional.

b) teoria intelectualista

Seguem-se: os Estoiicos, Descartes, Wolf, ^{reinhiz} Hubart, etc...
 Descartes a respeito a Geneza philosophica, V. III,

pag. 118.

Resumamos os argumentos:

- a) o prazer e a dor são estados conscientes ou modos de
 pensamento. Descartes confundiu, em toda maneira,
 pensamento com consciência.
- b) pela dor e mal fisico conhecemos o estado
 de nossos orgaos.
- c) A ideia do bem ou do mal de alguma coisa que
 nos affeição ou diminui, ~~afecta~~ ~~pecede~~

bela e requirida após modestia.

e) pode-se ter papéis consecutivos, o que nega a hipoten pessimista, pois o segundo papel seria a cessação de uma dor: pode dormir bem, ter bem levantado e ler-se uma obra-prima de literatura, etc....

Porém, a verdade é esta: tanto o papel como-dor são positivos e reais pois ambos têm como fonte comum a atividade satisfatoriamente encontrada.

Diversas teorias tentaram explicar estes dados psíquicos; resumi-las-ei:

a) teoria da atividade -

Na antiguidade defenderam-na Aristotéles e Épícurus, aquele pelo lado otimista este pelo pessimista.

Aristotéles, quando cita de virtutibus, diz na Moral de virtutibus no l. II. cap. IV diz seguinte:
 "É uma ação que parece consistir em bem estar e a felicidade. O prazer não é o proprio ato, mas uma qualidade intrínseca do ato, mas é um sucesso que jamais falta ou, é uma perfeição última que

coisa indiferente; é uma coisa agradável?"

Bonillier, modernamente; Platões, nas antiguidades, Descartes, Leibniz e Hamilton admitem, ao contrário, que o prazer é o fato positivo.

Bonillier em De Plaisir et de la douleur, resume os argumentos contra aquela teoria: cap. III

a) O amor, a necessidade, o desejo do belo, entretanto, esta necessidade não é, para a maioria dos homens em vida ordinária, um sofrimento.

b) Sem dúvida a necessidade de comer mostra uma imperfeição. Mas onde a dor? Se o indivíduo age facilmente fora de si o elemento que lhe socia. A fome é, antes de mais nada, uma incitação agradável.

c) Uma doença toda prazer é associação de dor: o prazer estético: a vista de uma paisagem ou de um quadro nos afeta prazer sem termos sofrido de nenhuma doença visto esta paisagem.

d) O prazer pode medir a dor; porém a essência da dor é condicional, a causa é atividade, que se desenvolve livremente. Portanto é verdadeiro que a dor faz valer o prazer; o prazer perdido de uma dor, por contar este é mais vivo; a vida é mais

gracia, como se podia ver no Platon; diz ele:
 "Uma coisa se trata como o prazer, e como se ele
 estivesse unido a dor que nos parece no seu contrario.
 Assim a dor que os feiros me deixam parece um
 verdadeiro prazer. Imagino que, se Esopo tivesse refletido
 nisto, teria feito uma fabula onde teria dito que
Jupiter, nao podendo ter ~~ter~~ bom exito em reconciliar
 estes dois irmãos inimigos, tomou o partido de os
 unir a uma mesma cadeia, de sorte que, quan-
 do o primeiro se apertava, o segundo nao estã
 bange." 57

Schopenhauer nao tem razao em dizer que a
 dor e primitiva: ora, se, segundo ele, a dor e a
 atividade contrariada, o prazer tem que ser primi-
 tivo - para que houvesse uma contrariada
 ou obstaculo seria necessario antes um des-
 arramento livre, pois como come ~~com~~ parado?!

Eu respondo a Schopenhauer, Richet no Essai
de Psychologie generale - pag. 140:

"... se nossos orgaos sao sãos, e não ha em nós
 alguma causa de dor moral ou fisica, ha
 seguramente prazer em viver. A vida não e uma